Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

ISSN 1808-2599, v. 29, jan–dez, publicação contínua, 2026, p. 1–22.
doi.org/10.30962/ecomps.3383

Efeitos assimétricos da transformação tecnológica

Condições socioprodutivas e a configuração de perfis no jornalismo brasileiro

FÁBIO VASCONCELLOS
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

ID 3383

Recebido em
19.04.2026
Aceito em
10.09.2026

/resumo

A literatura sobre transformação digital no jornalismo tende a tratar seus efeitos de forma homogênea. Este artigo examina como condições socioprodutivas (faixa etária, porte da organização e tecnologias usadas) moldam as rotinas de 223 jornalistas brasileiros, com base nas formas de apropriação tecnológica. A análise de correspondência múltipla e testes qui-quadrado identificaram três perfis (conectados, inovadores e tradicionais), com distribuição assimétrica de produtividade e percepção de ansiedade entre eles ($p < 0,05$). Os resultados sugerem que condições socioprodutivas, mais do que as ferramentas em si, são moderadoras dos efeitos da transformação tecnológica nos perfis profissionais.

Palavras-chave: Perfis profissionais. Apropriação tecnológica. Jornalismo brasileiro.

The Asymmetric Effects of Technological Transformation: Socio-Productive Conditions and Professional Profile Reconfiguration in Brazilian Journalism

The literature on digital transformation in journalism tends to treat its effects homogeneously. This article examines how socio-productive conditions (age group, organization size, and technologies used) shape the routines of 223 Brazilian journalists, drawing on technological appropriation frameworks. Multiple correspondence analysis and chi-square tests identified three professional profiles (connected, innovators, and traditional), with asymmetric distribution of productivity and perceived anxiety across groups ($p < 0,05$). The results suggest that socio-productive conditions, more than the tools themselves, act as moderators of the effects of technological transformation on professional profiles.

Keywords: Professional profiles. Technological appropriation. Brazilian journalism.

Efectos Asimétricos de la Transformación Tecnológica: Condiciones Socioproductivas y la Configuración de Perfiles en el Periodismo Brasileño

La literatura sobre la transformación digital en el periodismo tiende a tratar sus efectos de forma homogénea. Este artículo examina cómo las condiciones socioproductivas (franja etaria, tamaño de la organización y tecnologías utilizadas) moldean las rutinas de 223 periodistas brasileños, con base en las formas de apropiación tecnológica. El análisis de correspondencias múltiples y las pruebas de chi-cuadrado identificaron tres perfiles (conectados, innovadores y tradicionales), con distribución asimétrica de productividad y percepción de ansiedad entre ellos ($p < 0,05$). Los resultados sugieren que las condiciones socioproductivas, más que las herramientas en sí mismas, son moderadoras de los efectos de la transformación tecnológica en los perfiles profesionales.

Palabras clave: Perfiles profesionales. Apropiación tecnológica. Periodismo brasileño.

/autor

ORCID

Fábio **VASCONCELLOS**

Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Docente do Departamento de Jornalismo da UERJ e do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pós-doutorando do INCT Representação e Legitimidade Democrática ReDem/UFPR.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: fabio.vasconcellos10@gmail.com

Introdução

A pesquisa sobre jornalismo e tecnologia passa por uma profunda revisão a partir da crescente popularização da inteligência artificial (IA) generativa desde o fim de 2022. Questões sobre eficiência, modelos de negócio, ética e independência editorial foram renovadas diante da automação de processos (Beckett; Yaseen, 2023; Buarque; Miraglia, 2024; Codina; Ufarte-Ruiz; Borden, 2024; Linden, 2018; Pavlik, 2023). O entusiasmo em torno da IA, contudo, tende a deslocar o olhar de questões que, a depender do contexto da prática jornalística, apresentam impactos significativos.

O primeiro deles refere-se à compreensão dos efeitos generalizados. Embora tenhamos avançado no mapeamento dos modos de apropriação, a adoção tecnológica não segue uma direção única. Se ferramentas como métricas de audiência e redes sociais são hoje praticamente universais nas rotinas, há sinais de profundas assimetrias entre empresas e profissionais nas consequências desses usos em diferentes cenários.

O caso da IA é emblemático. Enquanto algumas regiões do globo avançam em ritmo acelerado, outras enfrentam limitações estruturais persistentes (Beckett; Yaseen, 2023). No Brasil, a aplicação dessa tecnologia é incipiente, sem clareza sobre como e em que medida as empresas jornalísticas têm incorporado essa inovação (Pinto; Barbosa, 2024). As assimetrias, porém, não se restringem ao uso de IA. No caso do jornalismo de dados, Fábio Vasconcellos e Leonardo Mancini (2016) já haviam identificado diferenças regionais no Brasil, com algumas empresas e profissionais investindo na técnica enquanto outros registravam baixa frequência e interesse no jornalismo de dados.

A exigência de adaptação e flexibilidade tecnológica, aspectos típicos do cenário de transformação digital, também apresenta disparidades. Enquanto uma pequena parcela de organizações consolida-se por meio de robustos investimentos, a esmagadora maioria das iniciativas nativas digitais opera sob extrema escassez material, dependendo do autofinanciamento e de rotinas informais baseadas em mão de obra *freelancer* ou voluntária (Saad; Silveira, 2023). Nesse quadro, é possível dizer que a transformação digital não atuaria como um vetor homogêneo de modernização, mas como um campo de assimetrias onde a inovação avançada é um privilégio de alguns grupos, restando aos demais menos possibilidades de aquisição e incorporação de tecnologias.

O cenário dos efeitos assimétricos desafia, nesse sentido, a compreensão sobre o que podemos denominar como perfis profissionais segundo a apropriação e os usos de tecnologias. Isso porque o grau com que as empresas jornalísticas incorporam e, principalmente, como cada profissional interage com essas ferramentas – bem como os impactos que essas interações produzem sobre suas rotinas – depende de condições socioprodutivas específicas. Nessa abordagem, a pergunta deixa de ser exclusivamente "Quais ferramentas os jornalistas usam?" e passa a ser "Quem usa o quê, em que condições, e com que consequências?".

A dimensão das condições e consequências é particularmente importante. A rotina profissional no contexto da transformação digital tornou-se mais desafiadora, com equipes reduzidas, sobrecarga de trabalho, ambiguidade nas funções e incorporação de mais responsabilidades (MacDonald *et al*., 2016; Nicoletti; Figaro, 2022). Nessa perspectiva, a pressão tecnológica funcionaria não apenas como um vetor de exigências técnicas, culturais e cognitivas, mas também com impactos sobre percepções e a saúde dos profissionais (MacDonald *et al*., 2016). Essa variável não pode ser negligenciada, na medida em que tanto pode ensejar pontos de resistência como também exclusão tecnológica no interior dos grupos.

Parece, portanto, fundamental um ajuste metodológico no exame de como essas exigências e suas consequências contribuem para a formação dos perfis. Para além de mapear o uso das tecnologias, é preciso atentar para as diferentes dinâmicas dessas aplicações. Com essa abordagem, a pergunta passa a ser: "Quais perfis resultam da apropriação tecnológica, segundo as condições socioprodutivas (como de vínculo e faixa etária), as ferramentas adotadas, objetivos e percepções sobre as rotinas?".

Com esse olhar multidimensional do fenômeno, aplicamos a *análise de correspondência múltipla* (ACM) e clusterização dos perfis predominantes a partir de dados de um questionário aplicado a 230 jornalistas brasileiros. O método multivariado decorre precisamente da necessidade de superarmos os limites das análises descritivas, que identificam o uso isolado de variáveis, mas não capturam as estruturas latentes de associação dos fatores que configuram os perfis em suas rotinas de apropriação tecnológica.

Transformação digital e reconfiguração dos perfis profissionais

O contexto da transformação digital e seu impacto nos perfis profissionais é abordado de diferentes maneiras pela literatura. Mas talvez uma das compreensões mais centrais seja a de que a inovação tecnológica, sobretudo a internet e as redes sociais, afetou diretamente o modelo de negócio das empresas, desestabilizando o financiamento publicitário. Essa mudança forçou as organizações e os profissionais a buscarem novos formatos de viabilidade econômica, contexto em que o empreendedorismo passou a ser um modo de sobrevivência no ecossistema digital (Pavlik, 2000; Anderson; Bell; Shirky, 2015; Bell *et al.*, 2017; Pavlik, 2022).

Se a perda de receita gerou ondas de demissões e, por consequência, impulsionou o trabalho *freelancer*, a ascensão do ecossistema digital tensionou, por outro lado, outras dimensões da atividade jornalística. Os artefatos digitais e a crescente incorporação às rotinas profissionais potencializaram mudanças na linguagem do jornalismo, forçando uma ruptura com formatos estritamente textuais e lógicas puramente objetivas (Caswell; Dörr, 2018; Ito, 2020; Papacharissi; 2015). Para uma parte significativa da literatura, essa ruptura expressa, em boa medida, um contexto mais geral de centralização das plataformas digitais e a consequente dependência do jornalismo das lógicas algorítmicas de visibilidade e distribuição de conteúdo (Bell *et al.*, 2017; Nielsen; Ganter, 2018; Van Dijck; Poell; De Waal, 2018).

A guinada quantitativa impulsionou uma reconfiguração dos perfis jornalísticas, com novas funções e responsabilidade diante das rotinas do ambiente digital e da necessidade de ganhar espaço nas plataformas (Ferrer-Conill; Tandoc Jr., 2018). Em outra chave, a disseminação do conhecimento computacional estimulou a adoção de práticas como a reportagem assistida por computador, o jornalismo de dados e, mais recentemente, o jornalismo computacional. A habilidade com o uso de dados passaria a ser um atributo igualmente valorizado profissionalmente, característica que tensionaria, em outra frente, uma revisão das normas profissionais tradicionais (Coddington, 2015).

O mais recente capítulo do processo de transformação tecnológica, a IA generativa acrescenta uma nova camada nessa questão. Embora se comemore os ganhos com essa inovação, como a melhora na eficiência e a redução de tarefas repetitivas, acentuam-se preocupações como o risco de redução da oferta de empregos para jornalistas que seriam substituídos por máquinas – ou, ainda, a ampliação de exigências como um maior preparo para lidar com raciocínio computacional ou mesmo com aspectos relativos à formação ética e humana (Linden, 2018; Dinçer, 2024).

A transformação digital em suas diferentes fases impõe, portanto, não apenas um ritmo ininterrupto de produção, exigência de múltiplas habilidades e uma insegurança crônica no exercício profissional, como transferiu para o indivíduo uma carga psicológica significativa (Carneiro, 2022; Cohen, 2019; Nicoletti; Figaro, 2022). As exigências diárias, os fluxos de inovação e as necessidades de incorporar ferramentas e novas habilidades impactam as percepções desses profissionais. Esse cenário exige, assim, uma metodologia integrada para dar conta do que chamamos de exame dos perfis profissionais segundo a apropriação de tecnologias no contexto da transformação digital.

Assimetrias socioprodutivas

A nossa proposta procura suprir um ponto cego dos estudos sobre a relação entre jornalismo e tecnologia. Pesquisas como a de John Pavlik (2000) consolidaram uma premissa bastante comum de que as inovações determinam mudanças estruturais na forma como o jornalista trabalha. Como consequência, abordagens generalistas buscam mapear as demandas do mercado, tratando a aquisição de competências, como o domínio de linguagens de programação e análise de dados (Oliveira; Angeluci, 2019), o letramento em IA e a inteligência emocional (Dinçer, 2024) ou a adaptabilidade a recursos digitais (Reyes-de-Cózar; Pérez-Escolar; Navazo-Ostúa, 2022) como imperativos universais nas rotinas profissionais.

Embora essa literatura apresente um mapa abrangente da transformação digital, a incorporação de tecnologias e, por consequência, seus efeitos nas rotinas e práticas jornalísticas ocorrem em contextos com grandes diferenças. Na atual fase da inovação com a IA, a questão ganha ainda mais relevância. Em um nível macro, Charlie Beckett e Mira Yaseen (2023) argumentam que enquanto países do Sul Global, em particular, ainda se veem diante de lacunas de conhecimento, limitações de recursos e barreiras idiomáticas, além de desafios estruturais e políticos, no Oriente Médio e do Norte da África, em contextos de guerra e crise econômica, populações enfrentam dificuldades de acesso à internet, analfabetismo digital e repressão governamental, aspectos considerados essenciais para a implementação da IA (Beckett; Yaseen, 2023).

No contexto local, Daniel Buarque e Paula Miraglia (2024), por sua vez, defendem que essa tecnologia ilustra um abismo estrutural: enquanto os grandes conglomerados jornalísticos possuem capacidade de investimento tecnológico e departamentos comerciais robustos que lhes permitem treinar equipes e negociar acordos diretos de licenciamento com as *Big Techs*, as organizações menores e profissionais independentes operam em um cenário de elevada vulnerabilidade. Essas assimetrias ocorrem também nos usos e aplicações de outras ferramentas. Embora a linguagem de programação, visualização de dados e análise de dados tenha sido crescente em alguns veículos (Oliveira; Costa, 2020), outros ainda enfrentam limitações consistentes em nível regional (Vasconcellos; Mancini, 2016).

Ao negligenciarmos as diferentes dinâmicas entre empresas e suas consequências na formação dos perfis profissionais, tendemos a considerar um mapa com poucas nuances e baixa capacidade explicativa. A mudança do modelo de negócio em razão da perda de publicidade, por exemplo, é apontada como uma variável determinante para as ondas de demissões e, por consequência, para o estímulo a perfis mais aderentes ao trabalho como *freelancer* (Cohen, 2019; Figaro; Silva, 2020). Nessa linha, a exigência por flexibilidade e capacidade de realizar diversas tarefas derivam do rearranjo do modelo de negócio (Trimithiotis; Stavrou, 2023).

Contudo, para o exame dos perfis profissionais no cenário de transformação permanente, emerge uma questão não desprezível: ainda sabemos pouco sobre como jornalistas, em seus diferentes arranjos profissionais – caso dos *freelancers* ou daqueles de pequenas e médias empresas –, associam-se a uma diversidade de tecnologias. De que maneira os perfis são redesenhados segundo a variedade de exigências técnicas, cognitivas e de custos, assim como o grau de comprometimento das empresas com a inovação? Se a mudança do modelo de negócio implica em profissionais com maior necessidade de adaptação, como as especificidades materiais e os usos práticos das tecnologias ajustam-se para configurar, de fato, esses perfis na ponta da cadeia produtiva?

A necessidade de responder a essas questões esbarrou em um cenário no qual as pesquisas direcionaram o olhar para as grandes corporações, que concentram atividades inovadoras e mais recursos, ignorando as dinâmicas dos veículos menores ou de formatos de trabalho (*freelancer*) que se tornaram mais presentes (Ferrucci; Perreault, 2021). As consequências desse viés analítico são múltiplas. Roseli Figaro e Ana Flávia Silva (2020), por exemplo, lembram que os arranjos alternativos e as “redações virtuais” sustentadas

por aplicativos comerciais (como WhatsApp e Telegram) geram uma profunda contradição socioprodutiva. Se, por um lado, o acesso a essas plataformas permite a sobrevivência e certa autonomia editorial para independentes e *freelancers*, por outro, impõe um perfil profissional marcado pela extrema polivalência e pela diluição das fronteiras entre o tempo de trabalho e o de descanso.

A exigência de uma visão analítica mais nuançada ocorre também em razão dos diferentes tipos de ferramentas e das competências que cada uma exige. Nesse ponto, a literatura tem falhado ao tratar a tecnologia como objeto genérico, deixando de explorar a complexidade de práticas tecnológicas avançadas como *atividades situadas* (Royal; Kosterich, 2024). Nessa chave, Cindy Royal e Allie Kosterich (2024) argumentam que a codificação (R, Python e outras linguagens) não é uma habilidade estática cujos efeitos podem ser vistos de forma homogênea, mas sim uma competência que se manifesta de formas distintas dependendo da função do profissional na empresa jornalística. Nessas condições, o perfil profissional não seria moldado pela automação da ferramenta em si, mas essencialmente pelo contexto organizacional, pelas exigências da função e pela intencionalidade com que o jornalista interage com esse tipo de tecnologia.

Em outras palavras, as percepções dos jornalistas quanto ao modo de usar essas ferramentas, suas justificativas e, principalmente, como observam as mudanças nas suas rotinas contribuem igualmente na formação dos perfis porque incorporam uma visão mais rica sobre as *posições de sujeito* (Lindblom; Lindell; Gidlund, 2024). O perfil do jornalista não muda automaticamente por causa do digital: ele muda com base em como o profissional percebe, significa e constrói estrategicamente essa tecnologia no mundo social, variando conforme seu nível de capital e sua posição no campo jornalístico (Lindblom; Lindell; Gidlund, 2024).

A incorporação das ferramentas, portanto, não é apenas técnica, mas algo que redefine as próprias funções e rotinas profissionais. Ao integrarem as redes sociais, por exemplo, os jornalistas passam a buscar ativamente o *feedback* do público e redirecionam velhas rotinas para atuar como "marqueteiros" das notícias (Tandoc Jr.; Vos, 2016). Nessa abordagem, para examinar como esses artefatos são mobilizados, é preciso considerar como essas ferramentas adquirem sentido com base na intencionalidade de quem as utiliza. Há pontos que potencializam usos ou podem frear suas aplicações. Patrick Ferrucci e Gregory Perreault (2021), por exemplo, identificam que os jornalistas tendem a resistir a tecnologias quando compreendem que uma ferramenta é apenas uma imposição mercadológica dos gestores, e não um ganho jornalístico real.

Em resumo, a perspectiva adotada em nosso estudo considera que a tecnologia não possui agência isolada. Seus efeitos na reconfiguração dos perfis profissionais são indissociáveis dos discursos, resistências e significados que os jornalistas atribuem a elas nas suas rotinas. Nesse sentido, é fundamental a adoção de uma visão sistêmica para examinar os perfis profissionais no contexto da transformação digital, considerando as diferentes condições socioprodutivas que ora contribuem, ora inibem a construção dos perfis.

Desse modo, operacionalizamos neste estudo as variáveis: a) sociodemográfica (faixa etária); b) porte da empresa (*freelancer*, pequena, média ou grande); c) complexidade das ferramentas; d) objetivos quanto aos usos; e, por último, e) as percepções dos jornalistas sobre suas rotinas no processo de interação com essas tecnologias. Com isso, investigamos a seguinte questão: quais perfis emergem da apropriação de diferentes tecnologias pelos jornalistas, considerando simultaneamente a associação entre essas variáveis?

Materiais e método

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos via questionário on-line (Google Forms) disseminado em grupos profissionais de jornalistas no WhatsApp, no Facebook e no X/Twitter entre 5 de fevereiro e 30 de abril de 2023, adotando uma amostragem não probabilística por conveniência e técnica de bola de neve. Para garantir o anonimato e encorajar respostas fidedignas sobre a rotina, não identificamos os veículos, categorizando os 230 participantes por recortes demográficos e porte organizacional.

O questionário incluiu 27 perguntas sobre perfil, usos tecnológicos e percepções. Embora avaliar os impactos de ferramentas básicas (como WhatsApp) a partir de respostas pré-codificadas possa refletir efeitos genéricos nas rotinas profissionais, essa formulação serviu como linha de base (*baseline*) metodológica. Com foco nos usos dessas tecnologias, nosso objetivo foi compreender se a percepção desses efeitos, por mais universais que pareçam, distribui-se de forma assimétrica conforme a condição socioprodutiva do jornalista.

A amostra do questionário coletado apresentou concentração de profissionais do Sudeste (57,8%) e Nordeste (30,1%), com menor frequência nas demais regiões. É importante destacar que essa distribuição, decorrente da amostragem por conveniência, impõe limites à generalização demográfica nacional dos dados. Contudo, o volume amostral foi estatisticamente adequado para o propósito da técnica multivariada para o mapeamento exploratório das estruturas latentes da profissão.

Na amostra, a variável Idade, com dados numéricos inteiros, foi transformada em três categorias: até 30 anos (69/ 30%); de 30 a 45 anos (87/ 37,8%); acima de 45 (68/ 29,6%) – havendo, ainda, aqueles que não responderam (6/ 2,9%). O tipo de empresa em que os respondentes trabalhavam apresentou, por sua vez, a seguinte distribuição: *freelancer* (42/ 18,3%); pequena empresa, com até 30 jornalistas (73/ 31,7%); média empresa, com entre 31 e 60 jornalistas (40/ 17,4%); e grande empresa, com mais de 60 jornalistas (74/ 32,2%).

Com esses e os demais dados coletados pelo questionário, realizamos a *análise de correspondência múltipla* (ACM). A ACM consiste em uma extensão da *análise de correspondência* (AC) que possibilita o exame das relações e dos padrões de dependência entre múltiplas variáveis categóricas (Husson; Josse, 2014). Para sua aplicação, a técnica é executada seguindo o procedimento padrão da AC em uma matriz de indicadores na qual os dados coletados são representados exclusivamente por valores binários de 0 ou 1 (Abdi; Valentin, 2007; Husson; Josse, 2014). Como resultado, a ACM produz nuvens de pontos de variáveis em um espaço geométrico, e, para além da mera representação desses pontos, redefine as dimensões do espaço de modo que as dimensões principais capturem a máxima variância possível entre as categorias (Greenacre; Blasius, 2006). O produto final é a distribuição simultânea desses pontos de acordo com suas proximidades e distâncias, apresentando um plano fatorial que permite identificar tensões latentes entre as categorias analisadas.

Após a extração dos componentes principais da ACM, as coordenadas dimensionais dos indivíduos foram utilizadas como espaço de entrada para a aplicação do algoritmo K-Means. A definição de três perfis profissionais resultou da análise da variância explicada sobre as coordenadas fatoriais da ACM (método do cotovelo), combinada com a busca por parcimônia tipológica. Esse ponto de corte assegurou uma distribuição estatisticamente equilibrada da amostra (N = 223), entre: *inovadores* (39,0%; n = 87); *conectados* (34,1%; n = 76); e *tradicionais* (26,9%; n = 60). Essa divisão evitou a fragmentação em subgrupos com frequências reduzidas, o que poderia comprometer o potencial explicativo dos dados. Para validar a dependência estrutural das percepções de impactos nas rotinas (efeitos positivos e negativos desagregados) e sua associação com os perfis identificados, aplicamos testes Qui-quadrado (Pearson), com significância estatística em $p < 0,05$ atrelada ao cálculo de sob e sub-representações em relação às médias globais da amostra.

Análise dos dados

Os jornalistas participantes da pesquisa registram altos percentuais de uso de tecnologias nas suas rotinas, seja para comunicação, coordenação ou produção de conteúdo. O uso de ferramentas de troca de mensagens, como WhatsApp, Telegram, entre outros, é praticamente universal: cerca de 95,5% da amostra afirma utilizar essas tecnologias. É muito elevado também o uso de serviços de nuvem como Google Drive e One Drive (88,8%), bem como das redes sociais (88,3%). Os menores percentuais foram para *software* de análise de dados (13,9%); linguagem de programação (Python, R ou SQL), com 13%; e *machine learning*, com 6,3%.

Tabela 1: Tecnologias mais utilizadas

Tecnologias frequentemente usadas	Em %
Aplicativos de mensagem (WhatsApp, Telegram e outros)	95,5
Google Drive, One Drive entre outros	88,8
Redes sociais	88,3
Planilhas eletrônicas (Excel, Google Sheets entre outras)	69,1
Aplicativo de comunicação e coordenação (Slack entre outras)	45,7
Ferramentas de monitoramento de redes sociais	43,0
Ferramentas de monitoramento de tráfego de *sites*	38,1
***Software* de análise de dados**	13,9
Linguagem de programação (R, Python, SQL e outros)	13,0
***Machine learning* (aprendizado de máquina)**	6,3
Nenhuma	0

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com esses dados, agrupamos as ferramentas em três categorias baseadas na complexidade sociotécnica e nas barreiras de letramento digital exigidas. O tipo *popular* abrange plataformas de interface intuitiva e uso cotidiano, cuja barreira de entrada é elementar (aplicativos de mensagens e redes sociais). O tipo *específico* agrupa ferramentas de barreira média, que demandam letramento técnico voltado à gestão de fluxos (Slack, Trello) e análise estruturada de informações preliminares. As planilhas eletrônicas foram incluídas nessa categoria por exigirem domínio de lógicas tabulares, transcendendo a comunicação interpessoal. Por fim, o tipo *especializado* reúne ferramentas de alta barreira que exigem letramento sintático e computacional avançado, como linguagens de programação e *machine learning*.

O mapeamento revelou que a apropriação tecnológica segue uma curva decrescente, modelada pela barreira do letramento digital. Na base da pirâmide, as ferramentas populares encontram-se praticamente universalizadas (99,1%), seguidas por aplicativos de gestão de fluxo específico (85,2%). Quando a barreira de entrada exige maior letramento, como leitura de dados estruturados ou sintaxe de programação, a frequência de adoção cai para 22,4%.

Tabela 2: Classificação das tecnologias utilizadas

Tipos	Em %
Popular	99,1
Específico	85,2
Especializado	22,4

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em outra questão, procuramos identificar as finalidades do uso das tecnologias. As respostas mais frequentes foram: encontrar informações (78%); ganhar tempo (74,9%); identificar pautas (70,4%); encontrar fontes (59,6%); e disseminar conteúdo (55,6%). Também neste caso agrupamos as respostas em duas ca-

tegorias: *produção* e *estratégia*. A primeira reúne respostas como: encontrar informações; ganhar tempo; identificar pautas; encontrar fontes; validar informações; encontrar personagens. A segunda considera as respostas como: visão estratégica para disseminar conteúdo; e visão estratégica para potencializar os negócios. Os resultados da agregação mostram que a base da profissão continua engajada massivamente no ofício reportagem de ponta a ponta: 97,3% utilizam a tecnologia quase exclusivamente para encontrar e produzir a pauta em si. Embora em menor proporção, é considerável a proporção de profissionais que utilizam tecnologias como vetor de planejamento estratégico ou tomada de decisão gerencial do negócio (62,3%).

A pesquisa mapeou também a percepção dos jornalistas sobre as mudanças de rotina em função dos usos das tecnologias digitais. A maioria (92%) considera que essas tecnologias alteraram a sua rotina de trabalho de algum modo. Quando listamos uma sequência de possíveis efeitos, o maior percentual de resposta foi para "aumentou a produtividade" (76,3%), indicando que os jornalistas têm uma compreensão do uso dessas ferramentas para ganho de tempo em criação, organização dos trabalhos e distribuição de conteúdos. No conjunto, podemos identificar fatores de ordem negativa, como aumento da ansiedade (48,7%) e o aumento das horas de trabalho (43,3%).

Com essas respostas, criamos duas categorias: efeito *negativo* (ansiedade, perda de concentração, aumento do cansaço, aumento do trabalho, piora na concentração e na produtividade) e efeito *positivo*, como ganho de tempo, produtividade, mobilidade. A distribuição mostra uma diferença significativa: os jornalistas tendem a considerar que as tecnologias geram mais impactos positivos (93,3%) que negativos (69,5%).

Análise de correspondência múltipla (ACM)

A análise descritiva da primeira parte do estudo revela, em geral, uma forte aderência dos jornalistas às ferramentas de comunicação populares orientadas para a produção, com uma ampla percepção do aumento da produtividade. Contudo, observar as variáveis de forma isolada e descritiva limita a compreensão estrutural do fenômeno, uma vez que mascara as assimetrias entre os perfis profissionais. Diante disso, passamos a considerar conjuntamente as variáveis, submetendo a amostra a um modelo multivariado de *análise de correspondência múltipla* (ACM) e à aplicação do algoritmo de clusterização.

Nesse modelo, consideramos conjuntamente os tipos de ferramentas (*popular*, *específico* e *especializado*), as percepções de impacto (*positivo* e *negativo*), os objetivos nos usos das tecnologias (*produção* e *estratégia*), além das variáveis como tipo de empresa (*freelancer*, grande, média e outro) e faixa etária. Com isso, chegamos a uma distribuição que adiciona uma camada analítica com mais nuances no exame da relação entre tecnologias e perfis profissionais.

A Tabela 3 apresenta a associação entre as variáveis recategorizadas a três perfis profissionais distintos. Para a caracterização estatística dos *clusters*, adotamos o teste de valor-teste (*V-test*), que mede o desvio das frequências das variáveis dentro de cada grupo em relação à média global da amostra. Os marcadores (+) e (-) indicam, respectivamente, variáveis que estão estatisticamente sobrerrepresentadas ou sub-representadas em cada perfil. Variáveis sem marcação indicam frequências próximas à média global da amostra, não atuando como determinantes de distinção do perfil.

Tabela 3: Componentes definidores (em %) dos perfis de apropriação tecnológica entre jornalistas

Variáveis	Conectados	Inovadores	Tradicionais	Média global da amostra (%)
Uso popular	100	98,9	98,4	99,1
Uso específico	94,7(+)	92,0	63,3 (-)	85,2
Uso especializado	17,1 (-)	32,2(+)	15,07 (-)	22,4
Impacto positivo	97,4	90,8	91,7	93,3
Impacto negativo	72,4	74,7	58,3	69,5
Local: *freelancer*	5,3 (-)	14,9	41,7 (+)	18,8
Local: grande	59,2 (+)	32,2	1,7 (-)	33,2
Local: média	18,4	19,5	11,7	17,0
Local: pequena	17,1 (-)	33,3	45,0(+)	30,9
Obj_produção	100	96,6	95,0	97,3
Obj_estratégico	59,2	64,4	63,3	62,3
Geração até 30	86,8 (+)	0,0 (-)	5,0(-)	30,9
Geração 31_45	0,0 (-)	100 (+)	0,0 (-)	39,0
Geração mais 45	13,2 (-)	0,0 (-)	95,0 (+)	30,0
Total de casos	**76**	**87**	**60**	**223**

Nota: O sinal (+) corresponde a proporção estatisticamente superior à média global, enquanto o sinal (-) o inverso. Casos válidos: 223.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Cada perfil identificado apresenta características próprias. O grupo dos *conectados* é composto predominantemente por jornalistas jovens, com idade inferior a 30 anos (86,8%), que atuam em grandes organizações (59,2%). Esses profissionais apresentam uma alta taxa de adoção de tecnologias populares (100%) e específicas (94,7%), bem como uma baixa incidência de tecnologias especializadas (17,1%). Seguindo a média geral, os *conectados* apresentam uma percepção ambivalente sobre o impacto das tecnologias, com uma proporção elevada de efeitos *positivos* (97,4%). Os *negativos* (72,4%), contudo, apresentam proporção acima da média geral, embora sem diferença significativa identificada.

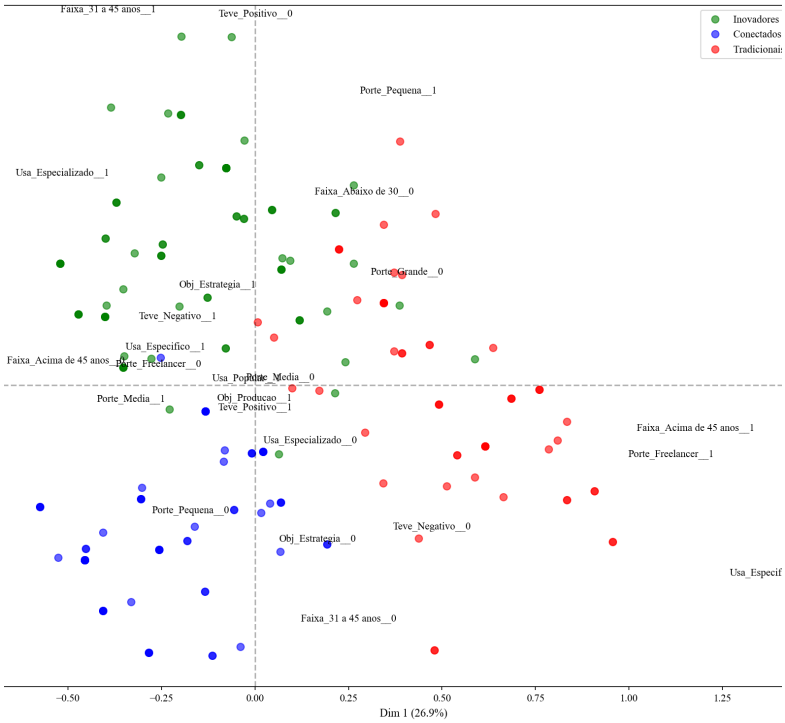
O grupo dos *inovadores* reúne jornalistas de 31 a 45 anos que trabalham em organizações médias e pequenas, sendo o perfil que apresenta a maior taxa de uso de tecnologias especializadas (32,2%). *Inovadores* registram, ainda, uma combinação mais equilibrada entre objetivos de produção (96,6%) e estratégia (64,4%), demonstrando preocupação não apenas com tarefas operacionais, mas também com a visão de negócio. Esse grupo apresenta uma proporção maior de efeitos *negativos* (74,7%) e menor de efeitos *positivos* (90,8%) no comparativo com a média geral.

Por fim, identificamos o grupo dos *tradicionais*, composto principalmente por jornalistas com mais de 45 anos (95,0%), frequentemente exercendo a profissão como *freelancers* (41,7%) ou em pequenas organizações (45,0%). Esse perfil apresenta a menor taxa de adoção de tecnologias específicas (63,3%) e especializadas (15,0%), sugerindo uma resistência ou dificuldades operacionais para adotar ferramentas sofisticadas. Paradoxalmente, a condição de trabalho próprio não está associada a uma maior percepção de efeitos *negativos*. Este grupo repete os outros dois, com uma elevada percepção de efeitos *positivos*, mas a menor taxa de efeitos *negativos* entre os perfis (58,3%).

A análise da Tabela 3 é complementada quando examinamos os resultados apresentados na Figura 1, já que os perfis profissionais foram mapeados a partir da projeção geométrica fornecida pela ACM. A Figura 1, portanto, traduz visualmente as assimetrias identificadas mapeando as categorias no espaço bidimensional. Nessa representação, a proximidade espacial sinaliza correlação estatística conjunta, o que permite observar não apenas cada *cluster*, mas, sobretudo, como a infraestrutura de trabalho, expressa pela polarização entre a atuação *freelancer* e o modelo clássico de redação, atua como uma força gravitacional, dividindo níveis de letramento tecnológico e as percepções dos profissionais.

A distribuição do mapa da ACM, nesse sentido, confirma a hipótese central deste estudo: a apropriação tecnológica não ocorre de forma randômica ou puramente técnica, mas sim condicionada pela posição socioprodutiva dos jornalistas. A ACM demonstra que o eixo horizontal (com 26,94% da inércia) estabelece um contraste entre jornalistas que utilizam tecnologias especializadas (à esquerda) e aqueles que se limitam a ferramentas populares ou específicas (à direita). A segunda dimensão, no eixo vertical (22,31%), separa profissionais com objetivos predominantemente operacionais (abaixo) daqueles que possuem orientação estratégica (acima). Juntas, as duas dimensões explicam 49,25% da variância total, indicando uma representatividade substancial do plano fatorial das relações entre as variáveis.

Figura 1: Projeção bidimensional do uso de tecnologias, impactos e agrupamentos profissionais identificados



Nota: Projeção resultante de *análise de correspondência múltipla* (ACM). Os eixos X e Y explicam juntos as principais tendências de variação da amostra. Cores representam a clusterização obtida via algoritmo K-Means. Casos válidos: 223.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Outro achado indicado na ACM corresponde à proximidade dos três *clusters*. Esse comportamento sugere que, apesar das diferenças demográficas e tecnológicas, há uma continuidade entre os perfis, com a adoção de tecnologias no jornalismo brasileiro se distribuindo não de forma homogênea, mas em um *continuum* que depende de variáveis como idade, porte organizacional e objetivos no uso. É em razão disso a ACM apresenta pontos (vermelhos e verdes) que ocupam dois grupos simultaneamente. Em outros termos, dentro dos perfis, há profissionais que transitam entre os dois grupos.

Associação dos efeitos positivos e negativos

A fim de obter um exame mais detalhado sobre a variável *efeitos das tecnologias e sua associação com os perfis identificados*, desmembramos os dados de impactos percebidos e aplicamos testes Qui-quadrado. O objetivo foi testar a hipótese de associação com os grupos, considerando as oito diferentes possibilidades de respostas possíveis no questionário. Como pudemos ver, entre os três perfis, os *conectados* apresentaram a maior taxa de efeitos *positivos* (97,4%), enquanto os *inovadores* apresentaram a maior proporção de efeitos *negativos* (74,7%). Os *tradicionais*, por sua vez, registraram o menor percentual de efeitos *negativos* (58,3%).

Os testes de Qui-quadrado (Tabela 4) apresentaram dois únicos eixos independentes associados aos perfis: *produtividade* (p = 0,0175) e *ansiedade* (p = 0,0349). Com esses resultados, podemos dizer que o ganho de *produtividade* emerge como um traço na identidade dos jovens *conectados* (86,8%), do mesmo modo que esse grupo absorve também os custos emocionais do uso de tecnologias, demonstrando uma exposição sobrerrepresentada à *ansiedade* (56,6%). Por outro lado, os *tradicionais* configuram um espectro inverso: o grupo lida com incidências significativamente inferiores à média global, tanto da produtividade, capturada em apenas 66,7%, quanto na manifestação negativa da ansiedade, com sub-representação de 35,0%.

Tabela 4: Teste de independência dos efeitos percebidos *versus* agrupamentos

Efeito	p = valor	Conectados	Inovadores	Tradicionais	Média
Aumentou minha produtividade	0,0175*	86,8%	73,6%	66,7%	76,2%
Melhorou minha mobilidade	0,2357	42,1%	47,1%	56,7%	48,0%
Reduziu minha perda de tempo	0,4451	51,3%	41,4%	46,7%	46,2%
Aumentou minha ansiedade	0,0349*	56,6%	51,7%	35,0%	48,9%
Aumentou minhas horas de trabalho	0,2177	35,5%	44,8%	50,0%	43,0%
Aumentou meu cansaço	0,4981	36,8%	36,8%	28,3%	34,5%
Piorou minha concentração	0,1491	17,1%	24,1%	11,7%	18,4%
Piorou minha produtividade	0,7317	1,3%	2,3%	3,3%	2,2%

Nota: Proporções intraclasses (%) para efeitos apontados não-mutuamente excludentes. Os valores da coluna p = valor foram extraídos da função do teste Qui-quadrado de independência (Pearson) aplicada de forma segmentada para cada percepção. Considerou-se como corte analítico o nível de significância de *p < 0,05 acompanhados de uma distância percentual real superior a 5 pontos entre a incidência do cluster e a média registrada no campo. *Valores estatisticamente significativos. Casos válidos: 223.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Por sua vez, o grupo dos *inovadores* configura o ponto de equilíbrio gravitacional do campo jornalístico diante da transformação digital. Ao contrário da polarização observada nos demais agrupamentos, a produtividade (73,6%) e desenvolvimento de ansiedade (51,7%) nesse arranjo não demonstram distanciamentos significativos na comparação com as médias globais. A ausência dessa associação direta desses indicadores, no entanto, não sinaliza passividade técnica; indica, provavelmente, que a estabilidade é operada pela natureza das funções exigidas por esses profissionais nas suas rotinas e contextos.

Ou seja, entre os *inovadores* o manejo de recursos especializados, com propósitos predominantemente estratégicos, difere do fluxo de respostas da produção jornalística mais imediata, que atende aos fluxos informacionais diários. Por outro lado, a fase mais madura profissional (jornalistas com entre 31 e 45 anos) atua possivelmente como uma barreira de contenção, internalizando tanto os proveitos de eficiência quanto as pressões normais da carga de inovação intrínsecas ao ecossistema do jornalismo contemporâneo.

Discussão

Este estudo partiu da seguinte questão teórica: o exame dos perfis dos jornalistas no contexto da transformação digital tende a considerar efeitos gerais, desconsiderando as nuances que emergem dos diferentes contextos socioprodutivos. Para dar conta dessas nuances, adotamos uma visão multidimensional que incorpora o porte da empresa, os tipos de ferramentas adotadas, os objetivos de uso e as percepções dos profissionais sobre as mudanças nas suas rotinas. Os resultados confirmam a hipótese de que os diferentes arranjos socioprodutivos estão associados à constituição de perfis distintos na interação entre jornalistas e o ambiente da transformação tecnológica.

Nesse aspecto, os resultados confirmam empiricamente a crítica de Ferrucci e Perreault (2021), segundo a qual o olhar excessivo para as grandes corporações tende a omitir nuances existentes em outros contextos produtivos. Ao incorporarmos os diferentes tipos de regime de trabalho e porte de empresas no modelo, encontramos um conjunto de práticas tecnológicas (tradicionais e em pequenas empresas) que permanece, muitas vezes, invisível nas análises. De forma complementar, a distinção entre a função estratégica das ferramentas para os *inovadores* e a função operacional dos *conectados* confirma a proposição de Royal e Kosterich (2024), segundo a qual a especialidade de uma tecnologia não decorre de competências estáticas, mas de práticas cuja natureza e impacto variam conforme o contexto organizacional.

A análise demonstra um corte geracional: até 30 anos, prevalece o perfil *conectado*; entre 31 e 45, o *inovador*; acima de 45, o *tradicional*. Essa distribuição transversal sugere uma correlação estrutural entre idade e vínculos. Em outras palavras, identificamos uma expressiva presença de jovens nas redações corporativas e, em contrapartida, um deslocamento dos profissionais mais experientes para formatos de atuação autônoma (*freelancers*) ou em veículos de menor porte.

As ferramentas populares são hoje praticamente universais entre os jornalistas, expressando a rápida disseminação de tecnologias de baixo custo de acesso. O objetivo de produção é igualmente compartilhado pelos três grupos, revelando um modelo profissional ainda centrado em criação e disseminação de conteúdo. Os altos percentuais de percepção dos efeitos positivos exprimem uma compreensão amplamente difundida de que essas tecnologias funcionam como facilitadoras das rotinas profissionais. Os impactos negativos também se distribuem com relativa amplitude, entre 58,3% e 74,7%, dialogando com estudos que identificaram aumento do estresse e da ansiedade no jornalismo brasileiro (Nicoletti; Figaro, 2022).

Os testes demonstram, porém, que essas transversalidades mascaram diferenças proporcionais relevantes. O mapa da ACM indica que o local de trabalho atua como o principal moderador do efeito tecnológico. Jornalistas em redações de maior dependência corporativa relatam impactos negativos mais acentuados, ao passo que aqueles em contextos de maior autonomia, como os *freelancers*, reportam níveis mais

equilibrados de interação com as ferramentas, ainda que tensionados pelas próprias condições de precariedade. Esse resultado converge com a proposição de Terje Lindblom, Johan Lindell e Katarina Gidlund (2024) sobre as *posições de sujeito* frente à tecnologia. Nessa leitura, podemos dizer que, ao não internalizar as métricas de desempenho e as lógicas algorítmicas de visibilidade como parâmetros de avaliação do próprio trabalho, o jornalista *tradicional* resiste à principal fonte de ansiedade ocupacional documentada por Nicole Cohen (2019). O que parece, à primeira vista, uma limitação tecnológica revela-se como uma forma de contenção do desgaste, seja ela consciente ou não.

Ao isolar os testes de independência estatística para cada impacto relatado, identificamos que o aparato tecnológico não atua como um vetor de experiências genéricas na profissão. Embora a literatura aponte que inovar gera reflexos múltiplos e difusos nas rotinas (Nicoletti; Figaro, 2022), os dados empíricos indicam que apenas dois fatores associam-se de forma significativa aos perfis: as percepções de produtividade e ansiedade. As condições socioprodutivas, portanto, atuam sobre uma tensão específica entre ganho prático e custo emocional, e não sobre o conjunto amplo das percepções de impacto.

Para além das percepções sobre saúde e produtividade, a estrutura tecnológica dos perfis oferece uma leitura complementar. O contraste entre o domínio de ferramentas especializadas pelos *inovadores* e o afastamento delas pelos *tradicionais* não expressa apenas diferenças de letramento, mas também diferenças na própria natureza do trabalho cotidiano. Isso é consistente com o argumento de Royal e Kosterich (2024), no sentido de que essas competências se configuram em função das exigências de cada posição no campo. Os *inovadores* usam dados para tomar decisões; os *conectados* usam plataformas para acelerar a produção; os *tradicionais* usam o que tem disponível para manter-se no mercado. São três formas de fazer jornalismo no mesmo contexto de transformação tecnológica.

Enquanto estudos anteriores tenderam a produzir diagnósticos agregados sobre as pressões da digitalização na criação de demandas e exigências profissionais (Pavlik, 2000; Anderson; Bell; Shirky, 2015; Bell *et al.*, 2017; Pavlik, 2022; Reyes-De-Cózar; Pérez-Escolar; Navazo-Ostúa, 2022; Dinçer, 2024) ou a investigar o impacto de ferramentas específicas (Coddington, 2015; Caswell; Dörr, 2018; Royal; Kosterich, 2024), a abordagem multivariada adotada aqui demonstra que o mesmo conjunto de variáveis (tipo de ferramenta, objetivo de uso e percepção de impacto) produz efeitos distintos conforme a posição socioprodutiva do jornalista.

A compreensão dos perfis no contexto da inovação tecnológica exige, por isso, não apenas o levantamento dos usos, mas uma análise das condições estruturais que tornam esses usos possíveis, necessários ou, muitas vezes, proibitivos. A compreensão dos perfis exige não apenas o inventário dos usos, mas a análise das estruturas que os tornam possíveis ou proibitivos. Embora os dados empíricos deste estudo reflitam o início de 2023 – em um período, portanto, anterior à disseminação da IA generativa –, nossa taxonomia oferece uma lente analítica sobre os impactos futuros. Em outras palavras, um jornalista *conectado* e um *tradicional* poderão usar o mesmo *chatbot* e vivenciar consequências profundamente distintas em exposição ao desgaste. Nessa dinâmica, compreender o atual ciclo de transformação do jornalismo exige a mesma atenção às assimetrias que orientou este estudo.

Conclusão

Este estudo examinou a hipótese de que os efeitos das tecnologias digitais sobre o perfil profissional dos jornalistas não são homogêneos, mas condicionados por variáveis socioprodutivas, como porte da empresa, vínculo de trabalho e faixa etária. Os resultados confirmaram essa premissa: os três perfis identificados (*conectados*, *inovadores* e *tradicionais*) não se distinguem apenas por seu repertório tecnológico, mas pelas condições em que esse repertório se forma e pelos impactos que produz sobre as rotinas desses profissionais. A contribuição deste estudo está nessa demonstração empírica de que o contexto da trans-

formação tecnológica gera experiências profissionais estruturalmente diferentes, e desconsiderar essa heterogeneidade compromete tanto o diagnóstico das pressões tecnológicas quanto as políticas de formação direcionadas a jornalistas.

O estudo apresenta limitações inerentes à amostragem não probabilística de conveniência, impedindo generalizações populacionais paramétricas. Além disso, por basear-se em um questionário online de percepções autodeclaradas, a métrica de efeitos capta apenas tendências gerais. Nesse sentido, os achados servem como marco exploratório que demanda pesquisas qualitativas subsequentes. Ainda assim, entendemos que a taxonomia dos três perfis, mapeada via ACM e K-Means, fornece um diagnóstico empiricamente importante sobre as dinâmicas socioprodutivas e que poderão subsidiar estudos futuros.

Por último, vale destacar que a desagregação dos efeitos positivos e negativos revelou um padrão contraintuitivo: as percepções de aumento de produtividade e de ansiedade se distribuem assimetricamente entre os perfis, na mesma direção da hipótese central do estudo. Esses resultados também poderão orientar estudos longitudinais sobre como a incorporação da IA reconfigura ou reforça os três perfis aqui identificados. Para isso, é necessário que essa agenda preserve a atenção às condições socioprodutivas e às experiências percebidas pelos jornalistas, e não apenas ao inventário das ferramentas em uso.

Referências

ABDI, H.; VALENTIN, D. Multiple Correspondence Analysis. *In*: SALKIND, N. (ed.). **Encyclopedia of Measurement and Statistics**. Califórnia: Sage, 2007. p. 651-659.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present. **Geopolitics, History, and International Relations**, on-line, v. 7, n. 2, p. 32-123, 2015.

BECKETT, C.; YASEEN, M. Generating Change: a Global Survey of What News Organisations are Doing with AI. Londres: The London School of Economics and Political Science/Department of Media and Communications, 2023. Disponível em: https://researchonline.lse.ac.uk/id/eprint/129643/. Acesso em: 24 set. 2026.

BELL, E.; OWEN, T.; BROWN, P.; HAUKA, C.; RASHIDIAN, N. A imprensa nas plataformas: como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 20, n. 6, p. 48-83, 2017.

BUARQUE, D.; MIRAGLIA, P. **Jornalismos e inteligência artificial**: impacto para *publishers* brasileiros. São Paulo: Momentum – Journalism and Tech Task Force, 2024.

CARNEIRO, C. G. P. Jornalismo e a falta de tempo: como a pressa na produção pode impactar o histórico papel de mediação. **Revista Parágrafo**, on-line, v. 7, n. 2, p. 124-137, 2022.

CASWELL, D.; DÖRR, K. Automated Journalism 2.0: Event-Driven Narratives: From Simple Descriptions to Real Stories. **Journalism Practice**, on-line, v. 12, n. 4, p. 477-496, 2018.

DINÇER, E. Hard and Soft Skills Revisited: Journalism Education at the Dawn of Artificial Intelligence. **Aydın Adnan Menderes Üniversitesi Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi**, Aydın, v. 11, n. 1, p. 65-78, 2024.

CODDINGTON, M. Clarifying Journalism's Quantitative Turn: a Typology for Evaluating Data Journalism, Computational Journalism, and Computer-Assisted Reporting. **Digital Journalism**, on-line, v. 3, n. 3, p. 331-348, 2015.

CODINA, L.; UFARTE-RUIZ, M.-J.; BORDEN, S. L. Fanning the Flames of Artificial Intelligence in the Media: Beyond Efficiency and Productivity Gains. **Communication & Society**, on-line, v. 37, n. 2, p. 221-225, 2024.

COHEN, N. S. At Work in the Digital Newsroom. **Digital Journalism**, on-line, v. 7, n. 5, p. 571-591, 2019.

DİNÇER, E. Hard and Soft Skills Revisited: Journalism Education at the Dawn of Artificial Intelligence. **Aydın Adnan Menderes Üniversitesi, Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi**, Aydın [on-line], v. 11, n. 1, p. 65-78, 2024.

FERRER-CONILL, R.; TANDOC JR., E. C. The Audience-Oriented Editor: Making Sense of the Audience in the Newsroom. **Digital Journalism**, on-line, v. 6, n. 4, p. 436-453, 2018.

FERRUCCI, P.; PERREAULT, G. The Liability of Newness: Journalism, Innovation and the Issue of Core Competencies. **Journalism Studies**, on-line, v. 22, n. 11, p. 1436-1449, 2021.

FIGARO, R.; SILVA, A. F. M. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr.-jul. 2020.

GREENACRE, M.; BLASIUS, J. **Multiple Correspondence Analysis and Related Methods**. Nova York: Chapman & Hall; CRC Press, 2006.

HUSSON, F.; JOSSE, J. Multiple Correspondence Analysis. *In*: BLASIUS, J.; GREENACRE, M. (eds.). **Visualization and Verbalization of Data**. Nova York: CRC Press, 2014.

ITO, L. L. A ascensão do audiovisual consumido em *smartphones*: reflexos diretos na redação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, on-line, v. 17, n. 1, p. 120-130, 2020.

LINDEN, C.-G. Algoritmos para o jornalismo: o futuro da produção de notícias. **Revista Líbero**, on-line, v. 1, n. 41, p. 6-22, 2018.

LINDBLOM, T.; LINDELL, J.; GIDLUND, K. Digitalizing the Journalistic Field: Journalists' Views on Changes in Journalistic Autonomy, Capital and Habitus. **Digital Journalism**, on-line, v. 12, n. 6, p. 894-913, 2024.

MACDONALD, J. B.; SALIBA, A. J.; HODGINS, G.; OVINGTON, L. A. Burnout in Journalists: a Systematic Literature Review. **Burnout Research**, on-line, v. 3, p. 34-44, 2016.

NICOLETTI, J.; FIGARO, R. Plataformização do trabalho dos jornalistas: uma outra face da precarização. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJor), 20., 2022, Fortaleza. **Anais**... Fortaleza: UFC, 2022.

NIELSEN, K. R.; GANTER, S. A. Dealing with Digital Intermediaries: a Case Study of the Relations between Publishers and Platforms. **New Media and Society**, on-line, v. 20, n. 4, p. 1600-1617, 2018.

OLIVEIRA, A. P.; ANGELUCI, A. C. B. Competences and Skills in Data Journalism: Perceptions on the Profile of Brazilian Professionals. **Brazilian Journalism Research**, on-line, Brasília, v. 15, n. 1, p. 380-399, ago. 2019.

OLIVEIRA, D. B.; COSTA, B. C. G. Pauta guiada por algoritmo: conteúdo e forma no Estadão Infográficos. **Brazilian Journalism Research**, on-line, v. 16, n. 3, p. 1-30, 2020.

PAPACHARISSI, Z. Toward New Journalism(s): Affective News, Hybridity, and Liminal Spaces. **Journalism Studies**, on-line, v. 16, n. 1, p. 27-40, 2015.

PAVLIK, J. V. The Impact of Technology on Journalism. **Journalism Studies**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 229-237, 2000.

PAVLIK, J. V. **Disruption and Digital Journalism**: Assessing News Media Innovation in a Time of Dramatic Change. Abingdon/ Nova York: Routledge, 2022.

PAVLIK, J. V. Collaborating with ChatGPT: Considering the Implications of Generative Artificial Intelligence for Journalism and Media Education. **Journalism and Mass Communication Educator**, on-line, v. 78, n. 1, p. 84-93, 2023.

PINTO, M. C.; BARBOSA, S. O. Artificial Intelligence (AI) in Brazilian Digital Journalism: Historical Context and Innovative Processes. **Journalism and Media**, on-line, v. 5, n. 1, p. 325-341, 2024.

REYES-DE-CÓZAR, S.; PÉREZ-ESCOLAR, M.; NAVAZO-OSTÚA, P. Digital Competencies for New Journalistic Work in Media Outlets: a Systematic Review. **Media and Communication**, on-line, v. 10, n. 1, p. 27-42, 2022.

ROYAL, C.; KOSTERICH, A. Coding Competencies across Roles: Computer Programming Practices in News Media Organizations. **Journalism Studies**, on-line, v. 25, n. 7, p. 738-758, 2024.

SAAD, E.; SILVEIRA, S. C. New Online Journalism Businesses: Exploring Profiles, Models and Variables in the Current Brazilian Scenario. **Journalism Practice**, on-line, v. 17, n. 8, p. 1755-1772, 2023.

TANDOC JR., E. C.; VOS, T. P. The Journalist is Marketing the News: Social Media in the Gatekeeping Process. **Journalism Practice**, on-line, v. 10, n. 8, p. 950-966, 2016.

TANDOC JR., E. C.; THOMAS, R. J. The Ethics of Web Analytics: Implications of using Audience Metrics in News Construction. **Digital Journalism**, on-line, v. 3, n. 2, p. 243-258, 2015.

TRIMITHIOTIS, D.; STAVROU, S. Digitalization as Discursive Construction: Entrepreneurial Labour and the Fading of Horizons of Expectations for Newcomer Journalists. **Journalism Studies**, on-line, v. 24, n. 1, p. 88-107, 2023.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. Nova York: Oxford University Press, 2018.

VASCONCELLOS, F.; MANCINI, L. As assimetrias regionais da prática do jornalismo de dados no Brasil. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO, 3., 2016, São Paulo. **Anais**... São Paulo: Abraji, 2016. p. 1-29.

Informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese
Não se aplica.

Fontes de financiamento
Programa Prodocência 2023 da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Apresentação anterior
Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais
Não se aplica.

Informações sobre cuidados éticos e integridade científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?
Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?
Não.

Liste os financiadores da pesquisa:
Programa Prodocência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?
Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?
Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?
Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?
Não se aplica.

Que interferências foram detectadas?
Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:
Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?
Não se aplica.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?
Sim.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
Não se aplica.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?
Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?
Não se aplica.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:
Todas as respostas coletadas no questionário foram anonimizadas.

Declaração sobre uso de inteligência artificial:
Declaro o uso e suporte de ferramentas de inteligência artificial (Gemini Notebook para apoio à organização bibliográfica, revisão gramatical e tradução; e o Antigravity Gemini, modelo 3.8 Flash High, para desenvolvimento de rotinas em Python). O uso se deu por meio de um protocolo sequencial e incremental de trabalho, e não pela aplicação de comandos (*prompts*) padronizados ou isolados. Em razão da natureza analítica e exploratória da pesquisa, o processo estruturou-se como uma sucessão de instruções encadeadas, em que cada comando dependeu estritamente da avaliação e validação crítica e humana do resultado anterior. Nesse fluxo, os códigos gerados para tratamento dos microdados, testes estatísticos e gráficos foram executados, depurados e auditados localmente pelo pesquisador no ambiente computacional próprio, assim como as partes teóricas sumarizadas basearam-se na extração de passagens literais confrontadas diretamente por ação humana com as obras originais.